

ARTE NÃO É SÓ PARA RICOS

Monalisa Lins/AE - 27/9/2000

É possível começar a investir em obras com US\$ 1 mil e, se a escolha do artista for acertada, obter retorno em apenas três anos

PAULA QUENTAL

Embora sejam um tipo de investimento incomum, por obedecer a leis muito próprias, obras de arte podem ser um bom negócio. E não só para quem tem muito dinheiro. O mercado brasileiro ainda está engatinhando, mas já oferece oportunidades de lucros razoáveis àqueles que desejam tornar-se colecionadores. Com US\$ 1 mil é possível ingressar no ramo. O lucro, porém, não deve ser a principal meta. Quem encara a arte apenas como uma forma de ganhar dinheiro tem grandes chances de fracassar", alerta Oscar Cruz, da Galeria Thomas Cohn.

Cruz ensina que arte, em primeiro lugar, deve ser paixão. "É nela que nos leva a frequentar galerias, ler muito e conversar com pessoas certas", diz. Ser bem informado é fundamental. "É preciso saber identificar as obras mais importantes de um artista, aquelas com chance de valorizar-se com o tempo." Thomas Cohn, sócio de Cruz, por exemplo, apostou nos brasileiros Waltércio Caldas, Tunga, Antonio Dias e Cildo Meireles e

comprou trabalhos deles nos anos 70 a US\$ 500, em média. As mesmas obras, hoje, alcançam os US\$ 100 mil.

Artistas mais jovens, que despontaram nos anos 80, quando a arte brasileira passou a ser conhecida fora, têm valorização mais rápida. O fotógrafo Vic Muniz, por exemplo, viu os preços de seus trabalhos quintuplicarem desde 1997. Saltaram de US\$ 4 mil para US\$ 20 mil. As telas de Adriana Varejão, uma das quais adquirida pela Tate Gallery, de Londres, custam entre US\$ 15 mil e US\$ 30 mil. "O País hoje é visto como um celeiro de criatividade", diz Ricardo Sardemberg, da Galeria Camargo Vilaça.

Para Cruz, investir em brasileiros contemporâneos é excelente negócio. "Aconselharia a compra de cinco Vic Muniz em vez de um Portinari a US\$ 100 mil, por questão de liquidez." Explica: "Portinari é endeusado aqui, mas desconhecido fora. Já os contemporâneos estão inseridos no mercado internacional." Peter Cohn, da Dan Galeria, discorda. "O sucesso dos contemporâneos contagia os modernos, que tendem a valorizar-se mais."



Oscar Cruz, da Galeria Thomas Cohn: arte é antes de tudo paixão

SER BEM INFORMADO É A CHAVE DO NEGÓCIO

OBRAS EM PAPEL

Uma dica para quem tem poucos recursos é investir em obras em papel. Seja de modernos ou contemporâneos. "Hoje, no mundo todo, considera-se que as obras em papel não são menos importantes que os óleos, e, em alguns casos, são mais caras", comenta Peter Cohn. "A fotografia é tida como a arte do século 20", lembra Adriana Varejão, por exemplo, tem fotografias a preços mais em conta que as telas: de US\$ 2,5 mil a US\$ 6 mil. Desenhos de Hélio Oiticica e Mira Schendel dos anos 60 foram valorizados nos anos 90. No leilão da Christie's realizado ano passado em Nova York, por exemplo, alcançaram preços de US\$ 14 mil e US\$ 30 mil. Um Portinari sobre papel pode passar de US\$ 100 mil. Há artistas promissores como Beth Jobim com acrílicos sobre papel a US\$ 3,5 mil. Desenhos de Cildo Meireles e Waltércio Caldas, mais conhecidos pelos objetos e instalações, também podem ser bom investimento.

ca e Mira Schendel dos anos 60 foram valorizados nos anos 90. No leilão da Christie's realizado ano passado em Nova York, por exemplo, alcançaram preços de US\$ 14 mil e US\$ 30 mil. Um Portinari sobre papel pode passar de US\$ 100 mil. Há artistas promissores como Beth Jobim com acrílicos sobre papel a US\$ 3,5 mil. Desenhos de Cildo Meireles e Waltércio Caldas, mais conhecidos pelos objetos e instalações, também podem ser bom investimento.

Contemporâneos brasileiros vivem boom no exterior

Trabalhos de artistas que surgiram nos anos 80 são adquiridos por museus e atingem US\$ 30 mil

A aposta na valorização crescente da arte brasileira no mercado internacional é uma unanimidade entre os marchands. O fenômeno da globalização pode ajudar, mas o fato é que os artistas contemporâneos brasileiros estão em sintonia com o que se produz nos grandes centros. "Os brasileiros desenvolveram uma linguagem compatível com o que se faz lá fora e enlouquecem os especialistas porque encontram saídas originais", diz Ricardo Sardemberg, da Camargo Vilaça. "O boom da arte brasileira no exterior ainda nem começou", prevê Oscar Cruz, da Thomas Cohn.

Segundo Cruz, um artista do porte de Daniel Senise que, aos 45 anos, tem telas avaliadas entre US\$ 10 mil e US\$ 20 mil, se fosse norte-americano estaria, por sua importância, na faixa dos US\$ 500 mil. "O nosso potencial de valorização ainda é pequeno, mas tende a aumentar", diz. "Já os nossos novos talentos têm a mesma faixa de preço dos novos de lá." Ainda assim, de 1985 para cá, obras de artistas como Jac Leirner, Leda Catunda e Nuno Ramos, todos da geração 80, valorizaram 1.000%. O Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) adquiriu uma peça de Leirner, composta por 1.500 maços de cigarro, por US\$ 18 mil. Outros nomes conhecidos no circuito internacional de arte são os de Ernesto Neto, Siron Franco, Miguel Rio Branco, José Resende, além dos já citados Waltércio Caldas, Cildo Meireles, Tunga e Adriana Varejão e os neocretistas descobertos

Carlos Chicarino/AE



Adriana Varejão, destaque da geração 90, tem telas avaliadas em US\$ 30 mil e prestígio fora



Daniel Senise é de geração anterior e suas pinturas podem ser compradas por US\$ 10 mil e US\$ 20 mil

pelo mundo tardiamente, já nos anos 90, quando, na verdade, são os "pais" de todos os contemporâneos: Hélio Oiticica, Lygia Clark e Lygia Pape. Entre os novíssimos talentos, os marchands recomendam prestar atenção em Vânia Mignone, José Damasceno e Iran do Espírito Santo, que podem ser comprados a menos de US\$ 5 mil. De três anos para cá, Vânia Mignone teve seus acrílicos sobre tela valorizados em 400%: de US\$ 400 saltaram para US\$ 2 mil.

Mas há no mercado brasileiro nomes consagrados, principalmente no País, cujas obras ainda podem ser encontradas por preços entre US\$ 5 mil e US\$ 15 mil, como Mário Gruber, Rubens Gershmann, Ivald

Granato, Kléber Machado e Sérgio Camargo.

Morto ou vivo? - Oscar Cruz faz questão de derrubar dois mitos: o de que trabalhos de artistas mortos valem mais e o de que artistas de obra pequena são, pela raridade, mais bem cotados. Segundo ele, quanto maior a obra de um artista, maior a possibilidade de ela vir a valorizar-se, pois circula mais. "Se Tarsila tivesse uma obra maior, com certeza seu *Abaporu* teria alcançado preço mais alto do que US\$ 1,4 milhão", diz. Já artista vivo, segundo ele, ajuda a alimentar o mito e a promover as exposições. "Oiticica e Lygia Clark, se estivessem vivos, valeriam mais." (P.Q.)

Modernos são opção para quem não quer arriscar

Portinari, Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral podem ser comprados a partir de US\$ 100 mil

Comprar modernos como Portinari, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Volpi, Lasar Segall, Guignard ou Iberê Camargo é seguramente um bom negócio. Além de consagrados, esses artistas têm suas obras disputadas pela elite brasileira. Os trabalhos custam de US\$ 100 mil a US\$ 800 mil e, em casos raros, podem atingir preços mais altos. O *Abaporu*, de Tarsila, foi arrematado em 1995 por US\$ 1,4 milhão pelo colecionador argentino Eduardo Constantini, até hoje o mais alto preço alcançado por uma obra brasileira.

Portinari, autor de vários painéis em prédios públicos, foi um dos maiores responsáveis pelo interesse despertado pela arte brasileira e ajudou a fundar o mercado brasileiro de arte, a partir dos anos 50. Ainda é um dos pintores bra-

sileiros mais procurados. "Um bom Portinari é vendido em 24 horas", assegura o leiloeiro Renato Magalhães de Gouveia.

Antes dos anos 50, uns poucos aficionados compravam diretamente dos artistas. Aos poucos, as galerias e salões de exposições multiplicaram-se, principalmente no Rio e em São Paulo. A partir dos anos 80, galerias como a Thomas Cohn começaram a trabalhar os artistas brasileiros também fora do País, e os frutos vêm sendo colhidos principalmente de cinco anos para cá.

Cruzado - Em 1986, época do Plano Cruzado, o mercado interno brasileiro viveu seu melhor momento dos últimos anos. Como explica Peter Cohn, da Dan Galeria, quando a conjuntura econômica ajuda, os melhores artistas voltam a atingir o seu preço justo, obtendo uma valorização. Ou seja, um bom momento para vender é quando a economia vai bem. (P.Q.)



O QUE FAZER

- ✓ Frequentar galerias de arte, museus, exposições, ateliês. Não adianta ter contato apenas com as reproduções das obras em livros e na Internet
- ✓ Procure ler sobre o assunto em jornais, revistas, sites, livros. Hoje já existe uma boa bibliografia de arte brasileira à disposição
- ✓ Busque orientação nas melhores galerias. Converse muito com especialistas e colecionadores
- ✓ Compre sempre obras que lhe agradem. Lembre-se de que você vai ter de conviver com elas
- ✓ Não tenha receio de perguntar ao marchand qual dos trabalhos expostos numa mesma exposição tem maior importância artística e, conseqüentemente, maior chance de valorizar-se nos próximos anos
- ✓ Procure dar uma coerência à sua coleção. Busque estilo e critérios próprios. Um acervo com uma "cara" definida, com personalidade, poderá contribuir para a valorização de cada peça

- ✓ Em geral as obras mais importantes são as que com menos no gosto da maioria. Ainda vale a máxima de que as melhores obras de arte não são bem compreendidas em seu tempo
- ✓ Informe-se sobre o currículo dos artistas para saber os prêmios que receberam, de que mostras internacionais participaram. Procure também saber como eles vêm sendo trabalhados internacionalmente por suas respectivas galerias: se participam, por exemplo, do circuito de feiras internacionais
- ✓ Tenha paciência. A valorização das obras pode levar anos, até décadas. Embora muitos artistas contemporâneos tenham tido valorização de até 500% num período de três anos a cinco anos
- ✓ Uma dica para o momento da venda: no caso de ser artista contemporâneo, verifique se ele se valorizou muito num período de até cinco anos. Em geral, depois disso, a tendência é que ele fique muito tempo na mesma faixa

Fonte: marchands

ONDE COMPRAR

GALERIAS	
Galeria Thomas Cohn Av. Europa, 641 Tel.: (0-11) 883-4600	Galeria São Paulo Rua Estados Unidos, 1.456 Tel.: (0-11) 852-8855
Dan Galeria Rua Estados Unidos, 1.638 Tel.: (0-11) 883-4600	Galeria Nara Roesler Av. Europa, 655 Tel.: (0-11) 3063-2344
Gabinete de Arte Raquel Arnaud Rua Artur de Azevedo, 401 Tel.: (0-11) 883-6322	Galeria Marília Razuk Av. Nove de Julho, 5.719, loja 2 Tel.: (0-11) 3079-5791
Galeria Luisa Strina Rua Padre João Manoel, 974 Tel.: (0-11) 280-2417	LEILÕES
Casa Triângulo Rua Bento Freitas, 33 Tel.: (0-11) 220-5910	Escritório Renato Magalhães Gouveia Rua Pelotas, 475 Tel.: (0-11) 5084-7272
Galeria Camargo Vilaça Rua Fradique Coutinho, 1.500 Tel.: (0-11) 210-7066	Bolsa de Arte do Rio de Janeiro Rua Prudente de Moraes, 326, Rio de Janeiro Tel.: (0-21) 522-1544 Email: bolsadearte@ig.com.br

COLEÇÕES

O mercado brasileiro de arte é movimentado por não mais de trinta grandes colecionadores, estima o leiloeiro Renato Magalhães Gouveia. Quase todos concentram no eixo Rio-São Paulo. Mas a tendência é que esse número aumente, principalmente com o surgimento de investidores de menor porte. "Eles só têm de perder o receio de entrar nas galerias", diz o marchand Ricardo Trevisan, da Casa Triângulo.

Raquel Arnaud, do Gabinete de Arte Raquel Arnaud, acha que as galerias têm um papel importante, pois, além de expor as obras, dão consultoria aos interessados. "Um desastre que aconteceu no Brasil, mas que tem conserto, foi galerias competirem entre si e só indicarem os seus artistas, e não os melhores do mercado", diz ela.

No Brasil, ao contrário dos Estados Unidos, onde 50% dos compradores de arte são instituições e empresas, mais de 90% dos colecionadores são pessoas físicas. Esse cenário começa a mudar com iniciativas como as do Instituto Cultural Itaú e Instituto Moreira Salles, que estão montando acervos próprios.

Leilões - Compras pela Internet ou em leilões só devem ser feitas pelos mais experientes. Os leilões costumam ser procurados pelos interessados, principalmente, em arte moderna, ou em antiguidades do século 18. Às vezes, segundo Raquel Arnaud, surgem nos leilões obras de contemporâneos a preços excelentes, mas é preciso cuidado "para não levar gato por lebre". (P.Q.)